



SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO DE LÍNGUA INGLESA: HOMOSSEXUALIDADE E HOMOFOBIA EM QUESTÃO

FERRAZ, Daniel¹

Resumo

Este artigo investiga como a educação de língua inglesa (ou a área de ensino/aprendizagem de língua inglesa) se posiciona em relação à sexualidade, à homossexualidade e à homofobia. Parto da hipótese central de que estes temas, embora contemporaneamente presentes nas discussões educacionais em diversas áreas (por exemplo na antropologia, psicologia, sociologia, direito, literatura, entre outras), parecem ser pormenorizados no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras no país. Em meio a recentes debates sobre a sexualidade, homofobia e homossexualidade presentes nas mídias televisivas e nas mídias sociais (haja vista, por exemplo, a polêmica decisão da eleição de um pastor declaradamente homofóbico e racista para a Comissão de Direitos Humanos da Câmara de Deputados), esta pesquisa pretende problematizar os temas, trazendo a discussão para a educação de língua inglesa (FERRAZ, 2012).

Palavras-chave: educação de língua inglesa, sexualidade, homossexualidade, homofobia.

Abstract

This research investigates how English Language Education (or the area of ELT) positions itself in relation to sexuality, homosexuality and homophobia. We are assuming that these themes are central and, although contemporaneously present in educational discussions in several areas (e.g. in anthropology, psychology, social sciences, law, literature, etc.), they seem to be sidestepped by Foreign Language Teaching areas in the country. Nevertheless, recent debates on sexuality, homosexuality and homophobia have been present in social and TV media

¹ Universidade Federal do Espírito Santo/ Pós-doutorando, Universidade de São Paulo



(for example, the news broadcasting of the controversial election of an openly homophobic and racist pastor to the Human Rights Commission of the Chamber of Deputies). Thus, this research focuses on these topics, connecting the discussion to English Language Education (FERRAZ, 2012).

Key words: English language education, sexuality, homosexuality, homophobia.

Introdução: Uma narrativa inicial

Venho pesquisando e tentando levar para minha prática educativa questões consideradas atuais, tais como o reposicionamento do ensino e aprendizagem da língua inglesa, influenciado pelas novas tecnologias, a globalização, os estudos culturais e a educação crítica. Decidi, então, no pós-doutorado, aventurar-me numa área já bastante estudada e enveredar em temas de certa forma polêmicos, porém tão populares, haja vista o já famoso beijo gay do último capítulo de umas das novelas das nove da rede Globo², tais como os estudos *queer*, *a sexualidade*, *a homossexualidade ou homoretismo e, principalmente, a homofobia*. Nesse processo, me debati com algumas questões iniciais cruciais: Será porque sou gay e sentia uma inquietação de estudar o tema? Será porque vejo relevante estudos sobre o encontro de ensino de línguas e sexualidade? Seria porque então? Vieram-me dois fatos à mente: o primeiro ocorreu enquanto dava aulas na faculdade de tecnologia em que lecionei, ambiente extremamente focalizado nas formações tecnológicas, técnicas e racionais (e de certa forma heteronormativo). Estava dando aula quando, num determinado momento, meus alunos começaram a “tirar sarro” uns dos outros, chamando uns aos outros de gays. A piada, que vinha de um contexto de parada gay na cidade de São Paulo (ela havia acontecido no final de semana anterior) era: “*E aí, você foi na parada gay encontrar seus amigos?*”, “*Ô teacher, o fulano ali é gay e foi na parada!*” Pela primeira vez em tantos anos de sala de aula, tive a necessidade de interromper essas piadas e disse: “Vocês, com esses tipos de comentários e piadas, não vão chegar a lugar algum! É muita falta de respeito e preconceito”. Embora não me lembre agora das palavras exatas que utilizei, lembro-me perfeitamente da minha reação, de um medo acumulado há anos, medo da injúria feita ao colega, mas que me atingiu instantaneamente. Eribon (2008), em “Reflexões sobre a questão gay” diz que “a injúria não é apenas uma fala que descreve. Ela não se contenta em anunciar o que sou. Se alguém me xinga de ‘viado nojento’ (ou ‘negro nojento’ ou ‘judeu

² Novela “Amor a vida”, exibida em 2013 e 2014 na rede Globo.



nojento’), ou até, simplesmente, ‘viado’, ‘negro’ ou ‘judeu’, ele não procura comunicar uma informação sobre mim mesmo. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo da minha personalidade” (p. 28). Lembro-me ainda que planejei passar um vídeo do *Youtube* intitulado “A kid’s reaction to a gay couple” também extensivamente postado no *Facebook*, na próxima aula como uma maneira de dar uma resposta a todas as piadas que vinham acontecendo repentinamente. Não tive coragem. Mas uma vez me perguntei: foi medo?

O segundo ocorrido foi em uma das viagens para congressos afora. Ao preparar minhas malas e os livros que levaria para ler nos aeroportos enquanto esperava pelos vôos, vi-me encapando esse mesmo livro de Eribon (2008). “Reflexões sobre a questão gay”, um livro grosso e com letras enormes mostrando o título na capa, algo que desnuda o assunto para todos à volta. Medo novamente? Ou seria vergonha? Algum outro sentimento que não sabia descrever? Percebi, nesse exato momento, que a injúria está internalizada em mim: envergonhado de mim mesmo, cobrir a capa do livro para esconder as palavras, na verdade, escondia o que sou e o que decidi pesquisar e estudar. Talvez, aqui, comece a desenhar respostas para essas inquietações pessoais, profissionais e acadêmicas. Um amigo acadêmico me disse que os *queer studies* e os estudos sobre a sexualidade já estão “fora de moda”. Entretanto, acredito que, em nosso país, lidar com essas questões é urgente, necessário e revela posicionamentos. O objetivo dos estudos deste artigo é problematizar estes temas sob o prisma da educação crítica de língua inglesa.

Introdução

Por que se falou da sexualidade, e o que se disse? Quais os efeitos de poder induzidos pelo que se dizia? Quais as relações entre esses discursos, esses efeitos de prazer e os prazeres nos quais se investiam? Que saber se formava a partir daí? Em suma, trata-se de determinar, e, seu funcionamento e em suas razões de ser, o regime de poder-saber-prazer que sustenta, entre nós, o discurso sobre a sexualidade humana

Foucault, *A História da Sexualidade 1 – A vontade de saber*

Lopes (2004), fundamentado em Foucault, discorre que “no fim do século XIX, a sexualidade passa a se constituir cada vez mais como central na constituição do sujeito moderno” (p. 1), num processo de valorização dos discursos que adentram todas as esferas



sociais, em diferentes modos, secretos ou abertos, aceitos ou punidos. Benfatti (2013), dialogando com Foucault, explica como a sociedade vem lidando com o tema. Para a autora, “ao longo da história, sabemos que houve períodos mais ou menos repressivos devido às questões políticas, sociais, mas especialmente religiosas. A interferência das sociedades no controle da sexualidade humana sempre foi motivo de polêmica no seio dessas mesmas sociedades, já que a repressão está intimamente ligada à transgressão” (p. 24).

Não obstante, as mídias sociais, principalmente o *Facebook* e o *Youtube*, de certa forma transgridem os modos tradicionais de comunicação e têm gerado múltiplas perspectivas e protestos quando a sexualidade e a homossexualidade estão em foco. Por exemplo, a indicação do deputado federal Marco Feliciano, declaradamente homofóbico e racista, eleito em março de 2013 presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM) da Câmara dos Deputados do Brasil, gerou protestos diversos, a favor de Feliciano por parte da comunidade evangélica que o apóia e contra por parte de ativistas gay. De campanhas televisivas com artistas famosos que utilizaram a frase “Feliciano não me representa” a movimentos de apoio a Feliciano nas mídias sociais, os debates sobre a sexualidade, homossexualidade, homofobia e racismo ganham força num país que sempre se recusou (pelo menos educacionalmente) a discutir essas questões. Uma entrevista que gerou polêmica foi a da apresentadora Marília Gabriela com o deputado Silas Malafaia, em que o deputado, também pastor evangélico, coloca em debate a questão homossexual. Segundo o pastor³ e sua indignada filosofia sobre a homossexualidade, “a mãe de um bandido ama profundamente o filho, mas pergunte se ela concorda com aquilo que ele faz? Amar a pessoa é uma coisa, concordar com a prática é outra. Eu amo os homossexuais, mas discordo 100% de suas práticas. Amo os homossexuais como amo os bandidos, os assassinos...”⁴. Ainda sob influência religiosa vemos, em nível macro, uma massa de religiosos (católicos e evangélicos) similarmente se posicionando a favor da normatividade heterossexista, defendendo e reforçando o binarismo homem *versus* mulher como a norma, o “normal”. Do mesmo modo, como argumentamos nesse artigo, a educação e a educação de línguas estrangeiras têm papel fundamental ao abordar os temas, uma vez que contribuem com a produção e manutenção dos discursos que nela circulam. Um exemplo desses discursos foi afixado numa das escolas particulares da cidade de São Paulo, além de ter sido

³ http://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=Myb0yUHdi14 acessado em 12/06/2013

⁴ <http://www.correio24horas.com.br/noticias/detalhes/detalhes-1/artigo/em-entrevista-polemica-silas-malafaia-detona-homossexuais-veja-video/> acessado em 12/06/2013.



publicado na internet. No referido artigo/petição, defende-se a exclusão da educação sobre gêneros no país:

Como já explicado em outra ocasião, a Ideologia de Gênero é uma técnica idealizada para destruir a família como instituição social. Ela é representada sob a maquiagem de luta contra o preconceito, mas na verdade pretende é subverter completamente a sexualidade humana, desde a mais tenra infância, com o objetivo de abolir a família (...) Os princípios legais para a construção de uma nova sociedade, baseada na total permissividade sexual, terão sido lançados. (FERREIRA, p.1, 2014).

Ferreira (2014), sustentado pelo discurso de “preservação” da família e sob a égide religiosa, demonstra que pouco entende sobre os estudos de gênero, denominando-os uma técnica idealizada. Para o autor, as novas configurações contemporâneas de famílias, ou seja, famílias com dois pais, duas mães, pais e mães solteiras, entre outras, estão baseadas na permissividade. Claramente preconceituoso e sem bases teóricas, em minha visão, o autor, ao afixar essa petição nas paredes de uma escola, convida aos alunos, pais, professores e funcionários a assinar um documento que reforça o preconceito e a homofobia na escola. Segundo Borrillo (2010) a homofobia se alimenta da mesma lógica que as outras formas de violência e inferiorização: “desumanizar o outro é torná-lo inexoravelmente diferente” (BORRILLO, 2010, p. 9). Ainda nas palavras do autor:

A homofobia tem se revelado como um sistema de humilhação, exclusão e violência que adquire requintes a partir de cada cultura e formas de organização das sociedades locais, já que essa forma de preconceito exige ser pensada a partir da sua interseção com outras formas de inferiorização como racismo e o classismo (Borrillo, 2010, p. 9)

Creio que nos estudos da relação sexualidade e homossexualismo perpassam necessariamente, em contextos brasileiros, as questões do preconceito, da tradição religiosa e da homofobia. Busco produzir, neste artigo, conhecimentos não normativos e problematizações outras, de modo que leigos como os supramencionados não nos representem como nação e como sociedade. Segundo Green (2000), há um mito, bastante disseminado, de que “o Brasil é uma democracia racial”. Isto obscurece os padrões enraizados de racismo e discriminação. O autor reforça, ainda, que “a noção de que não existe pecado ao sul do Equador esconde um amplo mal estar cultural dos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, no maior país da



América Latina” (GREEN, 1999, p.26). Obviamente, esse é “um lado da moeda”. Do outro, como mostrado de forma estereotipada pelas mídias (principalmente televisiva), vemos a comunidade GLBTT (Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros) representando-se, para muitos, de maneira desrespeitosa na Parada do Orgulho Gay em São Paulo de 2013, por exemplo. “Há muitas aberrações”, comentou-se num dos canais de TV. Muitos defendem que tal manifestação, realizada por milhões de pessoas, na verdade, atrapalha por não intentar discutir a diversidade, mas escancará-la de forma vulgar. Soma-se a essas discussões uma complexidade e multiplicidade de visões ao lidarmos com o tema homossexualidade, que deveria ser colocado no plural: homossexualidades. O sujeito definido como gay, por exemplo, pode (e geralmente é) categorizado em: 1. “gay homem/ masculinizado”, ou seja, aqueles do sexo masculino e gênero masculino; 2. “gay feminino/ efeminado”, ou seja, aqueles do sexo masculino que se identificam em manter identidade com traços femininos; 3. gay transexual, ou seja, do sexo masculino que assume a identidade e corporeidade feminina e masculina; 4. gay transgênero, tais como as *drag queens*, as quais muitas vezes na vida rotineira assumem os sexo e gênero masculinos ao mesmo tempo em que se transformam em gênero feminino ao se montarem como *drag queens*, etc. A lista poderia continuar com muitas outras “categorizações”. Assim como os complexos e múltiplos movimentos feministas, cada identidade “gay” tem sua subjetividade, desafios e sofrem diferentes níveis de preconceito, respeito e aceitação. Na próxima sessão, busco compreender como as línguas estrangeiras entendem essa complexidade e multiplicidade, ou seja, no que concernem a sala de aula e a prática pedagógica, lidamos abertamente com esses temas? Ignoramos? Incluímos?

Educação em línguas estrangeiras e sexualidade

A escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui.

Louro, *Gênero Sexualidade e Educação*.

Nas discussões apontadas, a educação e a educação em línguas estrangeiras têm papéis fundamentais, uma vez que podem provir aprofundamentos que não somente protestem, mas entendam, do ponto de vista de suas bases epistemológicas, como essas construções são realizadas, quais são as suas genealogias, com quais objetivos elas se espalham e como são interpretadas/internalizadas/inculcadas/rejeitadas por nossos alunos e professores. Nesse



sentido, podemos investigar a sexualidade e educação sob o viés apontado por Mello *et al* (2012):

Consideramos a escola um espaço profundamente significativo para a construção das subjetividades em nossa sociedade. Em segundo lugar, entendemos a sexualidade como uma construção social constitutiva da experiência humana, que em nossa sociedade é elemento-chave para a formação das subjetividades. Desse modo, devido à importância dos processos educacionais na construção das subjetividades, a escola deve estar preparada também para orientar os alunos a viverem em um mundo plural, onde práticas e desejos sexuais diferentes sejam possíveis e igualmente respeitados (MELLO *et al*, 2012, p. 104).

Não acredito que a tarefa seja fácil, uma vez que temos uma história de binarismos e de universalização ao invés de pluralização de sentidos e de entendimentos da sociedade. Somado a isso, em nosso contexto brasileiro, a escola parece nunca ter focalizado a sexualidade a qual, como colocada por Foucault (1988), foi se tornando discurso controlado, vigiado e punido. Para Junqueira,

Em distintos graus, na escola podemos encontrar homofobia no livro didático, nas concepções de currículo, nos conteúdos heterocêntricos, nas relações pedagógicas normalizadas. Ela aparece na hora da chamada (o furor em torno do número 24, por exemplo; mas sobretudo, na recusa de se chamar a estudante travesti pelo seu nome social), nas brincadeiras e nas “piadas inofensivas” e até usadas como “instrumento didático”. Está nos bilhetinhos, carteiras, quadras, paredes dos banheiros, e na dificuldade de ter acesso ao banheiro. Afloram nas salas dos professores/professoras, nos conselhos de classe e nas reuniões de mestres. Motiva brigas no intervalo e no final das aulas. Está nas rotinas de ameaças, intimidação, chacotas, moléstias, humilhações, tormentas, degradação, marginalização, exclusão, etc. (JUNQUEIRA, 2009, p. 212).

Junqueira (2009) acima resumidamente descreve o cotidiano escolar no que diz respeito aos materiais didáticos (que são, em sua maioria, indiferentes à diferença de gênero), à sala de aula e à postura de muitos educadores. As reverberações dessa pedagogia da indiferença nos alunos considerados “não-normais” são muitas: humilhações, tormentas, violências psicológica e física, exclusões e, por vezes, o suicídio. Creio que para problematizarmos essas



questões, devemos iniciar, como enfatizei nas pesquisas de doutorado, pelas epistemologias, ou seja, pelos modos os quais pensamos e construímos significados sobre esses temas. Um exemplo, para mim, seria a influência onipresente das mídias de massa. Apesar de corroborar uma visão de mídia que, segundo Horkheimer e Adorno (2000) manipula e aliena as massas, ou seja, “divertir-se significa que não devemos pensar, que devemos esquecer a dor, mesmo onde ela se mostra” (HORKHEIMER e ADORNO, 2000, p. 192), entendo que esses são temas que se tornam de certa forma populares e devem ser debatidos. Por defender que as próprias mídias sociais e televisivas contribuem de formas muitas vezes superficiais para o debate sobre a sexualidade, sugiro que estes sejam problematizados sob o ponto de vista genealógico, por exemplo, como o defendido por Foucault em suas Histórias da Sexualidade. Para o autor, é fundamental entendermos como a sexualidade foi construída, segregada, transformada em algo secreto, pudico e normatizada de forma heterossexual. Nas palavras do autor:

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro da casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei (FOUCAULT, 1988, p. 9).

Ainda segundo Foucault (ibid), analisar os discursos é tão fundamental quanto a analisar as mencionadas proibições e normatizações em relação ao sexo:

Todos esses elementos negativos – proibições, recusas, censuras, negações – que a hipótese repressiva agrupa num mecanismo central destinado a dizer não, sem dúvida, **são somente peças que têm uma função local e tática numa colocação discursiva, numa técnica de poder, numa vontade de saber que estão longe de se reduzirem a isso** (grifos meus - FOUCAULT, 1988, p. 17).

Estudos genealógicos complementares são os de Borrillo (2010), os quais investigam a história e crítica da homofobia desde o mundo greco-romano à tradição judaico-cristã. De acordo com Garcia (2009), “a discussão acerca do papel da escola no que diz respeito à sexualidade de seus alunos tem sido objeto de debate crescente nas últimas décadas” (p. 1). Perspectivas teóricas apontam para a necessidade de conhecimento mais aprofundado e mais discussões em todos os contextos internacionais e nacionais. Parece-me, entretanto, que a falta



de processos educativos sobre esses temas geram silenciosos sentimentos homofóbicos desde muito cedo quando, ainda no ensino fundamental, a criança é educada para a normatividade heterossexista (meninos não choram, não brincam com bonecas, meninas não andam de skate ou jogam futebol). Tais crianças, as consideradas “não normais”, veem-se, desde cedo “às voltas com uma ‘pedagogia do insulto’, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes. Tais brincadeiras são poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica” (JUNQUEIRA, 2009, p. 214). No entendimento de Green,

A homofobia também se manifesta de formas mais violentas. Durante quase duas décadas, Luiz Mott, antropólogo e presidente fundador do Grupo Gay da Bahia, mostra em seus estudos que “um homossexual é brutalmente assassinado a cada quatro dias, vítima da homofobia que impregna a sociedade brasileira (GREEN, 1999, p. 24)

Acredito que os estudos de gênero e da sexualidade pelo viés discursivo (ou dos estudos da linguagem) podem realizar um aprofundamento filosófico sobre o tema, averiguando, por exemplo, que a educação e os estudos da linguagem têm muito a ver com a homofobia inculcada em muitos jovens e em muitas famílias. Poderíamos prever, num nível macro, as consequências dessa falta de preparo para educar nossos jovens: violência verbal, física (por vezes, chegando a morte). Nas palavras de Mac An Hail (1991), as escolas são instituições heterossexistas nas quais “adolescentes e jovens que sejam identificados e/ou se identifiquem como gays ou lésbicas são quase sempre marginalizados na sala de aula” (p. 3). Alguns teóricos e pesquisadores sobre os temas têm similarmente destacado o papel heteronormativo do funcionamento escolar em nosso país. Segundo Meyer e Borges *apud* Garcia (2009), “a homofobia no Brasil recebe um reforço cultural na desvalorização de tudo que é feminino ou coisa de mulher” (p. 4) não pode e não deve ser utilizado pelos meninos ou adolescentes (como as brincadeiras com bonecas supracitadas). Cabe ressaltar que em 2004, o Governo Federal criou a campanha “Brasil sem Homofobia” (Ministério da Saúde, 2004), que teve como um dos princípios “a produção de conhecimento para subsidiar a elaboração, implantação e avaliação de políticas públicas voltadas para o combate à violência e à discriminação por orientação sexual” (pp 11-12). É interessante notar que se tratou de uma campanha proporcionada pelo Ministério da Saúde, e não da Educação e claro, as línguas estrangeiras ficaram “de fora”. Em outro princípio, o projeto incentiva “o fomento e apoio a



cursos de formação inicial e continuada de professores na área da sexualidade” (idem). Questiono-me se esses projetos governamentais estabeleceram conexões com estudos de uma educação crítica que proporcione problematizações (ou privilegiaram o velho discurso da aceitação sem aprofundamentos). Minha experiência de sala de aula mostra que, mesmos nós, professores homossexuais assumidos, temos dificuldade em lidar com o assunto nas aulas. Levanto algumas **suspeitas** sobre essa dificuldade: 1. não termos sido educados para a diversidade de gêneros e, paradoxalmente, termos sido reprimidos (ou sofrido algum tipo de *bullying*) em instituições heterossexistas ou heteronormativistas; 2. pois o tema é considerado um tabu em nossa sociedade; 3. pois o contexto em que estamos (nosso país) é, em geral, preconceituoso e homofóbico; 4. Pela falta de políticas públicas e educacionais em relação ao tema e 5. pela influência das instituições religiosas e seus dogmas seculares, tradicionais e atrasados.

Um país, como citado na introdução, que elege em 2013 um homofóbico e racista para a comissão de direitos humanos para lidar com essas questões e que, enquanto escrevo este artigo, acaba de sugerir um projeto que busca “a cura gay”⁵, deve urgentemente aprofundar esses debates. Além de minha preocupação educativa, atormenta-me quando os discursos de racismo, preconceito e discriminação “entram em ação” e resultam, além do assalto psicológico que deixa profundas marcas, na agressão ao corpo de tantos jovens e adultos. É justamente diante desses jovens que nos silenciemos nas atitudes pedagógicas e discursos quando os assuntos sexualidade e homossexualidade estão em pauta. Encerro este trabalho com uma citação de Eribon (2008) em relação a essas preocupações com a violência do corpo:

Muitas pesquisas mostraram que a taxa de suicídios ou tentativas de suicídios entre os jovens homossexuais é consideravelmente mais elevada que entre os jovens heterossexuais. Esse é o terror diante do impossível destino que todos os homossexuais têm de superar, num momento ou outro da existência, para poder viver o que são (ERIBON, p. 85, 2008).

Diante desses estudos, caberia indagar algumas questões que concernem a educação de língua inglesa e os estudos de gênero e sexualidade: como a educação de língua inglesa tem se posicionado em relação à sexualidade, à homossexualidade e à homofobia? Como os

⁵ <http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2013-06-19/feliciano-pede-juizo-a-ministra-que-criticou-aprovacao-da-cura-gay.html>



educadores se posicionam quando esses temas emergem ou quando a presença do “estranho, diferente e não-normal” é visivelmente percebida nas aulas? Quais políticas públicas e curriculares problematizam esses temas? Como me posiciono e problematizo esses temas, de maneira autobiográfica, sendo pesquisador, acadêmico, educador de língua estrangeira e gay? Como reagir nas aulas e fora delas quando o discurso sobre o sexo/gênero enfatizado por Foucault passa da violência simbólica para a violência ao corpo?

Consideração Finais

Ainda sobre o discurso que passa da violência simbólica para a violência ao corpo, Eribon (íbid) anuncia no prefácio do mesmo livro mais uma morte, a qual acontece enquanto o autor encerrava seu livro, “No momento em que termino este prefácio, leio nos jornais que um jovem gay foi assassinado nos Estados Unidos, numa cidadezinha do Wyoming. Foi torturado pelos dois agressores e abandonado, agonizante, pendurado numa cerca de arame farpado. Tinha 22 anos. Chamava-se Matthew Shepard”. Acredito que se mudarmos acima as palavras Estados Unidos para Brasil, e o nome Matthew Shepard para Lucas Fortuna, 28 anos, jornalista de Goiânia, que também foi assassinado, deixado com o rosto desfigurado, vemos que o texto acima seria válido para nosso contexto. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB), “foram documentados 338 assassinatos de gays, travestis e lésbicas no Brasil (...) Um aumento de 21% em relação ao ano anterior”⁶. Apesar de ter consciência do tom “panfletário”, talvez *common sense*, desses últimos parágrafos, não poderia deixar de mencionar que esses fatos me amedrontam e magoam profundamente. Começo, então, a desenhar algumas respostas para minhas inquietações (e vergonha) colocadas na narrativa inicial: não é somente a piada na sala de aula que me preocupa, talvez seja o que aconteça fora dela, acredito que essa gota d’água representada pela piada em sala vá se transformando aos poucos numa enchente na “vida real”, uma enchente que pode gerar violências extremas.

REFERÊNCIAS

BENFATTI, F. A. R. Pornografia e criticidade: as faces de Henry Miller em *Tropic of Cancer* e *Tropic of Capricorn* sob o viés autobiográfico. Tese de Doutorado. São Paulo:

⁶ <http://www.doistercos.com.br/ggb-divulga-numero-de-assassinatos-de-gay-no-ano-de-2012/>



- Universidade de São Paulo, 2013. (não publicada).
- BORRILLO, D. Homofobia: História e Crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.
- ERIBON, D. Reflexões sobre a questão gay. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERRAZ, D. M. Educação de Língua Inglesa e Novos Letramentos: espaços de mudanças por meio dos ensinos técnicos e tecnológicos. Tese de Doutorado, não publicada. São Paulo: USP, 2012.
- FERREIRA, G. A educação de Gênero na educação: Não! Obrigado!, publicado em: <http://citizengo.org/pt-pt/file/educacic3b3ngay-jpgpng-0>, 2014.
- FIEDLER, M. Postcolonial Learning Spaces for Global Citizenship. In: Critical Literacies: Theories and Practices Vol 1:1, 2007.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GARCIA, M. R. V. “Homofobia e Heterossexismo nas escolas: discussão da produção científica no Brasil e no mundo”. Anais do IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, 2009. Disponível em: http://nepaids.vitis.uspnet.usp.br/?page_id=153
- GREEN, J. N. Além do Carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação das massas. In (LIMA, L. C.) Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra 2000.
- JUNQUEIRA, R. D. Currículo heteronormativo e cotidiano escolar homofóbico. In *Espaço do currículo*. V. 2, n. 2, pp 208-230, 2009.
- LOPES, D. Desafios dos estudos gays, lésbicos e transgêneros. In: *Comunicação, mídia e consumo*. V. 1. N. 1. São Paulo: ESPM, 2004. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/5/5>
- LOURO, G. L. Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1997.
- MAC AN HALL, M. Schooling, sexuality and male power: towards an emancipatory curriculum. Buckingham: Open University Press, 1991.
- MELLO, F.; et al. Para além de um kit anti-homofobia: políticas públicas de educação para a população GLBT no Brasil. In *Revista Bagoás*. UFRN. V.6, n.7, jan./jun. 2012.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Brasil sem homofobia – Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual. Brasília, Distrito Federal, 2004. Disponível em: http://www.mj.gov.br/sedh/004_1_3.pdf
- MOTT, L. Antropologia, teoria da sexualidade e direitos humanos dos homossexuais. In: *Revista Bagoás – Estudos gays, gêneros e sexualidades*. V.1, n. 1, 2007. Disponível em: <http://incubadora.ufrn.br/index.php/Bagoas/issue/view/64/showToc>